



A DANÇA DOS VOLANTES

Xavier Viana transporta-nos para o Entrudo da Ribeira Sacra Minhota, resistente ainda em duas aldeias do concelho de Chantada. Volantes, peliqueiros ou maragatos e mecos misturam-se em Santiago da Riba e Nogueira de Minho para darem vida a umha festa que hoje corre certo perigo pola descida da densidade populacional.

CRIAÇOM

Gonzalo Hermo diz de si próprio que escreve desde o ódio e vindica umha genealogia literária de escritas cruéis, como Jelinek, Müller, Plath ou Duras, que funciona de contrapeso ao cânone ocidental. O rianjeiro construiu o seu poemário *Crac* partindo da raiva, e essa honestidade valeu-lhe o primeiro prémio no certame Xuventude Crea 2010. Nós conhecemo-lo no Festival da Poesia do Condado, onde a carragem procura expressom artística, e convidamo-lo a participar deste projeto de criação. Ele aceitou encantado.

CINEMA

Xurxo Chirro aborda a importância do arquivo como método para fazer frente à morte das lembranças, dando conta de iniciativas que estão a surgir por toda a parte com a finalidade de preservar a memória.

TEMPOS MODERNOS

A dança dos volantes

Xavier Viana

Quando boa parte dos investigadores falam do Entrudo como de uma celebração com uma contraposição evidente à Quaresma, isto é, uma festa marcada pela civilização cristã, encontramos na Ribeira Sacra Minhota personagens que se aproximam mais de rituais da fertilidade próprios deste tempo, e, que remata a invernia e começa a primavera, que transcendem qualquer crença ortodoxa ou monoteísta. É possível que os rituais que podemos olhar foram transferidos para esta data por algum motivo que não tem nada a ver com a sua origem.

O *Entroido Ribeirao* resiste, na actualidade, só em Santiago da Riba e Nogueira de Minho (Chantada). Noutra altura, as celebrações do ciclo festivo invernal espalhavam-se pelas freguesias de Líncora e Vilauxe (Chantada), Ribeiras de Minho (Pantom) e Fiom (Savinhao), com variantes substanciais nalguma delas. É muito provável que também existisse noutras da contorna, mas ainda não temos informantes ou evidências que o podam acreditar. Em todas elas havia representações teatrais, satíricas e burlescas

com as cousas locais e supra-locais, e algum ritual vinculado com a produção da terra (danças, símbolos, jogo das olas...). O elemento fundamental que levou ao seu desaparecimento é a notável descida de povoação como consequência do envelhecimento e da migração às áreas urbanas. O Entrudo precisa de moços e moças que quebrem com a ordem e a disciplina em festejos desenhados ao modo da gente com raça.

O período das celebrações do *Entroido Ribeirao* é de 17 dias. Começam o domingo lambedoiro, continuam o domingo corredor e alcançam o seu clímax o domingo, segunda e terça de Entrudo. As personagens próprias são o *volante*, o *peliqueiro* ou *maragato*, os *mecos*, os músicos e os vizinhos e vizinhas.

O *volante* é o mais vistoso e significativo de todos eles. A sua vestimenta (camisa e luvas brancas, pano colorista para cobrir o peito e mais as costas, calças de largas faixas vermelhas e amarelas, peúgas até os joelhos, sapatos pretos, *calhado* e, nomeadamente, as 24 campainhas que penduram dum cinto de couro) é um canto de berce ao lume e ao sol, que se fai



forte, nestas datas, logo da escuridade infinita da invernia. Trazem uma máscara feita com papel de jornal. O elemento mais destacado é o *pucho* de grandes dimensões, que levam só um ou dois deles no início da celebração, e que está construído com uma armação de vímbio ou de arame do qual penduram compridas fitas de cores que chegam até o chão. O *volante* acede ao campo da festa pelas hortas que o afastam das casas. Dança na terra e fai cantar as campainhas (este ritual de utilizar o som metálico existe desde antigo em numerosos lugares do mundo para espantar os maus espíritos). Di o Avelino que, noutro tempo, “quando a gente só vivia do campo, dançava por todas as hortas da *paróquia*”. Os volantes têm,

alem disso, uma particular dança que fam entre ofício e ofício.

Os *peliqueiros* ou *maragatos* vestem pelicas de carneiro, ovelha ou cabra. Levam uma choca na parte traseira e o rosto tapado. São os encarregados de proteger o baile dos volantes e defender aos *mecos* nas suas interpretações durante os ofícios.

Os *mecos* são homens e mulheres vestidos com roupa velha que representam três ofícios em cada um dos dias de celebração. Os ofícios são teatro cómico em que não existe o diálogo. A mímica é o mais importante elemento de comunicação. Alguns vizinhos, mais atrevidos, procuram estragar a acção assaltando espontaneamente o ofício, o que é reprimido pelos *maragatos* com os seus cin-

O volante é a personagem mais significativa do *Entroido Ribeirao*. Veste camisa e luvas brancas, um pano de cores, calças de faixas vermelhas e amarelas, peúgas até os joelhos, *calhado* e um cinto de couro do que penduram campainhas

tos. Desencadeiam-se, assim, cenas de grande divertimento para os presentes.

Os músicos tocam, no descanso de *volantes* e *mecos*, as *marchas dos ofícios do Entroido*, recuperadas pelo músico chantadês Xoán Carlos López Vázquez, e que só podemos escutar durante estas datas nos campos da festa.

Estamos perante uma celebração festiva que se fai extraordinária no século XXI porque não há espectáculo nem moda, estão apenas os vizinhos e vizinhas. É um Entrudo rural, sem disfarces urbanos nem perucas.

Que o trabalho de quem o organiza em Santiago da Riba e Nogueira não decaia sem encontrar substitutos entre as poucas crianças que ainda ficam nas freguesias.



EM TEMPOS

Umha Britónia na Galiza nordestina

Rubén Melide

Se lermos o romance *A Águia e o Corvo*, da escritora canadiana Pauline Gedge, mergulharemos na história da conquista romana da ilha de Albion, atualmente conhecida como Grã-Bretanha. O nome moderno deste território deriva do povo que originariamente o habitou: os britons ou britanos. A história parece assanhar-se com estes celtas insulares, até o ponto de terem que suportar, já nos séculos V e VI, umha nova invasão em grande escala: desta volta, os ocupantes viriam ser os anglos, os jutos e os saxons, povos germânicos procedentes do continente que dariam origem à atual língua franca global: o inglês. Na ilha, os celtas virom-se obrigados a se refugiarem nas áreas montanhosas do ocidente, sendo assim que hoje em dia ainda existem a língua cônica – embora recuperada do esquecimento por um esforço popular entusiasta – e a galesa.

A diáspora celto-britónica provocada pelas invasões germânicas alto-medievais trouxe consigo estabelecimentos britanos no continente, dos Países Baixos até terras que nos som mais próximas. É por isso que a velha Armórica, na finisterra atlântica das Gálias, passou a ser conhecida pelo nome de Bretanha e recebeu o germolo do que hoje é a língua bretoa. Porém, ainda que o assentamento armoricano fosse o mais sólido e frutífero, a nossa Gallaecia nom foi alheia ao périplo deste malfadado povo. Já Antonio García y García, no seu artigo *Ecclesia Britoniensis*, publicado na revista da diocese de Mondonhede, nos revela que "como sabemos, há várias fontes que nos falam dumha igreja de migrantes celtas" no que ele chama de *noroeste espanhol*. Por sua banda, Simon Young, especialista inglês em estudos medievais célticos residente na capital galega, chama de *Arquipélago celto-britânico* ao conjunto de comunidades do povo que nos ocupa assentadas ao longo da Europa. Tal *Arquipélago* estender-se-ia, segundo Young, do Loch Lomond, na atual Escócia, à nossa Costa da Morte, e ainda além desta. A primeira prova da presença dos britanos no nosso país desprende-se das atas do Segundo Concílio de Braga – na altura capital do reino suevo da Galiza – celebrado no ano de 572 da nossa era. Nos tais documentos, é feita umha referência a *Mahiloc* (Maeloc) como o

ESTÁTUA dedicada ao bispo Maeloc em Bretonha



derradeiro dos doze bispos em assinar as resoluções do Concílio. Variantes do manuscrito original refletem a procedência britónica do bispo Maeloc. Mais ou menos no mesmo momento histórico, é redigido o *Parochiale Suevorum*, que faz referência à Britónia. Segundo o estudioso Pierre David, a obra data de entre os anos de 572 e 582. O *Parochiale* é umha listagem dos doze bispados do reino suevo, sendo especificado o conjunto das freguesias de cada um deles. No entanto, na referência ao bispado de Britónia nom é nomeada paróquia nengumha: "à sé dos britons pertencem as igrejas que há entre eles, junto com o mosteiro de Máximo, e as que estão nas Astúrias". Na atualidade, é um lugar-comum o facto de os britanos terem estabelecido a sua capital na atual localidade de Bretonha, no que hoje é o concelho da Pastoriza. Posteriormente, a cabeceira do bispado deslocar-se-ia para Mondonhede. A freguesia de Bretonha está situada quinze quilómetros a sul de Mondonhede. Como vimos de dizer, é-lhe suposta a condição de cabeceira do território ocupado polos britanos na Galiza. Contodo, nom existe um acordo entre historiadores a respeito da extensão deste território. Em 1947, Pierre David dixo que os britons chegavam polo oeste até a Terra de Trasanços. Com certeza, o bispado de Mondonhede, sucessor do que supomos que se estabeleceu antes em Bretonha, estava interessado na área de Ferrol: por palavras de Simon Young, no século doze Mondonhede e Íria sustinham um litígio pola zona trasanquesa.

Na antedita freguesia de Bretonha, campanhas arqueológicas realizadas em começos da década de setenta do passado século evidenciárom a existência dumha igreja que poderia ser celto-britónica. Para Young, este dado em si mesmo nom confirma o estabelecimento do bispado dos britanos na vila. Porém, a toponímia parece confirmar esta hipóte-

A diáspora celto-britónica provocada pelas invasões germânicas alto-medievais trouxe para a Galiza os antigos habitantes da ilha de Albion, que se estabeleceram no nosso país, nas comarcas da Marinha e da Terra Chá

se, pois nas proximidades da mesma há um lugar que ainda hoje é chamado *O Bispado*. Também existe, no centro de Bretonha, um paço que desfruta de privilégios especiais, provavelmente de origem eclesiástica, o que nos vem sugerir que se trate do paço episcopal. Aliás, na freguesia há, ainda hoje, umha casa conhecida como *Casa do Bispo*. As coincidências parecem demasiadas para as atribuímos a umha simples casualidade.

Fora do âmbito geográfico comumente associado com os celtas britónicos, encontramos topónimos e antropónimos que parecem fazer referência a estes. Assim, temos um (hipotético) bispo Mauloc no Oviedo do século IX, um *Didacus Britanum* na Compostela de 1107, umha Hereditas de Brethones documentada na setentrional localidade portuguesa de Tarouca em 1258, ou mesmo um *Brytto Presbyter* num local tam afastado como a alentejana vila de Mértola, às beiras do Guadiana. No que diz respeito à toponímia, contamos com umha fonte de Bretones no asturiano concelho de Sobrescobio e com múltiplos topónimos começados em Brit-, caso do português Briteiros, que dá nome à famosa citânia. Fora de qualquer dúvida no tocante à relação com os britons, estão a já referida Bretonha da Terra Chá, umha outra Bertonha no atual bispado de Mondonhede e Ferrol, umha



Bretonha vinte quilómetros a norte de Ponte Vedra e mais umha Britónia perto do rio Sil, na fronteira entre as províncias de Lugo e Ourense. Mais hipotéticos som casos como o do ferrolano bairro do Bertom ou a vila de Bertamiráns, no Vale da Amaia.

As lendas e tradições costumam ser partilhadas entre as finisterras atlânticas europeias, entre elas a Grã-Bretanha e a Galiza. Como exemplo, colocamos aqui a crença nos habitantes sobrenaturais dos castros – os nossos mouros – que também aparece no País de Gales, na Bretanha ou na Cornualha. Porém, estamos longe de acreditar na importação destas crenças para o nosso país por parte dos celtas britónicos: podem ter sido geradas de maneira autónoma em vários territórios, ou mesmo ter circulado em direção sul-norte, da Galiza para os referidos territórios célticos. Nom esqueçamos lendas como as refletidas no *Lebor Gabála* ou as respeitantes à Pedra do Destino dos escoceses, de que já falámos nesta secção. Um outro exemplo seria o das barcas de pedra: na Galiza temos

Existem elementos na tradição oral galega, tais como as lendárias barcas de pedra, que só encontram correlatos nas finisterras atlânticas do extremo ocidental da Europa: Cornualha, Irlanda e a Bretanha armoricana

exemplos de lendárias embarcações pétreas em Mugia, Santo André de Teixido e a na Póvoa do Caraminhal, para além da que se supom que trouxe o apóstolo Santiago até a desembocadura do rio Ulha. No resto da Península Ibérica, a figura da barca pétreia é inexistente, e na Europa continental só temos correlatos na Bretanha armoricana, para além de existir na Cornualha e na Irlanda. Como vemos, as ligações entre a Galiza e as demais terras do extremo ocidente europeu som inúmeras e perdem-se nas idades mais afastadas.



A FOTO

Borxa Toxa

Quando um governo indulta um torturador

Quando um governo indulta um torturador que foi previamente condenado por dar-lhe umha surra a um homem e mesmo ameaçá-lo introduzindo-lhe a pistola na boca, nom quer simplesmente contribuir para manter o "status quo" atual de impunidade policial, nom, o que procura é dizer bem alto aos comandos policiais:

Tranquilos, podedes continuar a reprimir e torturar sem nengumha preocupação que papá estado está aqui para vos defender.

Fagamo-nos umha ideia do que pode querer dizer quando indulta 4 torturadores



CRIAÇOM

No pólo oposto das construções faraónicas vazias de contido e das homenagens florais descontextualizadas, está a criação. No NOVAS DA GALIZA pensamos que o verdadeiro

ativo cultural do nosso país som os galegos e galegas, e com essa ideia inauguramos este espaço de criação. Com cada novo número fornecemos um texto literário para

gozarmos das nossas letras, num projecto em que todos e todas estades convidados a participar. Escreve para literaria@novasgz.com.

Conhecemos o rianjeiro Gonzalo Hermo no Festival da Poesia do Condado, onde a carragem procura expressom artística, e convidamo-lo a participar deste projeto de criação. Velaqui um poema inédito e outro tirado de *Crac*, o livro que surgiu de um poema.



por Gonzalo Hermo

O olho que pede prazer jamais regressa à terra que viu. Vá para a frente com a pupila derramada sobre as coisas e não lembra o cachão a massa de água que rebenta no rio. Prefere a linha intermitente do trajecto o carreiro que se impõe sobre a ideia dum final. A superfície sem entranha.

E às vezes o foco recto pela estria, o olhar. E às vezes a linguagem que não chega.

Mas o olho obediente do homem que fui soube dos nomes do mundo que negam a carne.

Da carne que é língua e arrasta o pulso do gozo até o sítio da lei.

O fulgor do desastre no rosto do afogado.

A censura no olho seco.

Eis o relato do homem que aprendeu a viver de

costas para o tempo.

Eis o sol que aventa o lento devir da primavera.

O olho volta a si

e a água é então um caminho que passa o perfil de uma corga marcada de través pelo meio da gândara na terra.

Dilui-se na luz.

E não fica resto, contorno.

Se calhar cicatriz

Inédito

Conheço a menina dos filmes dos romances

[4º dia de encerro. *Voyeur* e submissa.

Un pelicano dorme na pantalla]

Vi-a num bar

dançava na pista com a boca entreaberta

jurando chamar-se Erika Kohut

ter doze anos

sentir predilecção pelo Winterreise de Schubert

pelas fugas de Bach, pelos prelúdios

ser pianista

saber-se incapaz de assumir um encargo que

exceda o nível

que delimita o seu talento

gostar dos homens com chapéu

do modo brutal em que olham quando dança

da sua rudeza

Erika mente

Erika sabe eleger mas fá-lo só para entregar-se

Erika é astuta

da sua viagem ao inverno

escolho o gulag

e peço perdão pela dama que dança vestida de

miúda obediente

mas diz-me, tu que a olhaste,

se pedes perdão

quais marcas do seu corpo te pertencem e quantas

te fascinam

assinala-a com o dedo

obriga-a a dizer

“meus pais são uns humildes camponeses da comarca de Sar mortos na guerra”

Zsa Zsa Gabor

Erika Kohut

só um aço é o que fende

o frio depois do 36

siberiano

De Crac (2012, Barbantesa)



LÍNGUA NACIONAL

Estou armado com uma frase

Valentim Fagim

Embora uma imagem valha mais do que mil palavras, no decorrer da história houve frases com mais poder que mil imagens. Hoje repetimo-las sem termos consciência da sua origem e quando as ouvimos não nos deixam indiferentes.

Quem não vibra com aquela de Mais vale morrer de pé do

que viver de joelhos? Emiliano Zapata há cem anos. Quem fica frio com A morte de um só homem é uma tragédia mas a morte de milhões é apenas uma estatística? Estaline no seu melhor. Na mesma onda, o Harry Truman, Como inventamos a bomba atômica, utilizamo-la. Cinco estrelas o gajo.

Ora, as frases não são apenas para nos abalar, emocionar, indignar... há frases de outra natureza, tipo congelante. São enunciados que pretendem que não nos movamos, que fiquemos inertes. Começamos com um clássico: o Estado somos todos, que costuma ser condi-



mentado com aquilo de A democracia é o poder do povo. Os nossos pais, eu sou da geração de 70, insistiam naquilo de Mira por ti, não raro seguido de Que ninguém o vai fazer. Com estas melodias crescemos. Não esqueçamos a grande Alfonso Guerra com aquela de O que se move não sai na fotografia. A essência da máquina numa frase.

Na área das línguas na Galiza, afinal esta secção pivota sobre essa equação, há congelantes espetaculares com mais de 30 anos de ação, ou melhor inação. A minha favorita é Galego e português são línguas

irmãs. Para já, coloca uma dúvida séria sobre a posição genealógica do castelhano, tio?, primo?, ah, la familia que diria Vito Corleone. Depois, tem a capacidade de não fazer crescer a erva por onde passa. O pessoal fica enchido e ao mesmo tempo plano, o que dá para um polígono curioso. Outro poderoso congelante é aquele que diu Primeiro normalizemos e depois normativizemos, e assim continuam a esperar que o Estado somos todos financie os que não saem na fotografia da familia.

Estou armado com uma frase, não se movam.

CINEMA

A força do arquivo

Xurxo Chirro

Ao longo de todo o século XX, fôrom-se precipitando defunções: à morte de Deus seguiu a do homem, à da História, a da Arte, à do cinema, a da Modernidade... Um sentimento de luto procedente da incerteza em que se envolviam os distintos conceitos e disciplinas. Mas em começos do século XXI esses órbitos transformárom o modo de pensar e agora tudo se move por atingir o esvaecente, de conter o volúvel. Vivemos numha época onde predominam as ressurreiçõs das mortes, emergências esporádicas de ausências, fantasmas que fam gala da sua forma etérea, premoniçõs que nunca chegam a cumprir-se, utopias novas que reforçam as passadas e revisitaçõs seletivas do passado.

Neste contexto há que situar a especial preponderância que está a ter o arquivo nos nossos dias. Nestes anos, estám a agromar umha série de iniciativas e projetos que tenhem como objetivo resgatar a memória de distintos tipos de comunidade. Este interesse polo arquivo vem derivado sobre uma mudança no paradigma no mundo objetuável. A desconfiança relativamente à forma e à natureza do objeto que iluminou espíritos transgressores tanto no eido social como no artístico, deu passagem à emergência doutro paradigma consistente na valorizaçom do arquivo



como consequência do conformismo social, especialmente o burocrático, e da organizaçom do trabalho. Agora, além de criar imagens, precisa-se registar, coleccionar e armazenar.

Na história do cinema sempre houve interesse polo manejo consciente do arquivo; desde que se alteravam os sentidos das recriaçõs na época dos pioneiros, se remontavam filmes por questõs ideológicas por mandato da censura, se alteravam refughos de celuloide para constatar a sua materialidade, se incorporavam fragmentos por evidenciar processos linguísticos ou se tentavam novos caminhos narrativos xurdidos da acumulaçom ou da dialética.

Mas é atualmente quando vivemos um tempo onde predomina a hipertrofia da lembrança e do armazenamento. A isto ajudou a democratizaçom e o acesso às novas tecnologias nom só na produçom de imagens mas no seu armazenamento. Nom falo do aumento de capacidade de discos rígidos, mas da possibilidade de situar os arquivos na rede (o mega-arquivo) por meio de mercar espaço em servidores dispostos para tal efeito ou ferramentas já existentes e de balde.

A memória é o tema estrela da última década no âmbito heurístico, um protagonismo que se recrudescer no cinema já que é umha manifestaçom onde o tempo tem umha extraordinária

importância. A nova criaçom cinematográfica galega aborda sem dissimulaçõs esta questom por meio do arquivo com frequência já que permite adequar-se a formas mais baratas de produçom, umha valorizaçom da intimidade e maior grau de reflexividade e experimentaçom: *JEDN*, *Manuscritos Pompeianos* ou *La brecha* de Marcos Nine, *CCCV* ou *O proceso de Artaud* de Ramiro Ledo, *Varona* ou *Territorios* de Lara Bacelo, *Cousas*, *de Kulechov* de Susana Rey, *Pantasmãs #1 e #2* de Ángel Santos, *Eclipse* ou *A realidade* de Cayuela e Xan G. Viñas, *Palabras secretas* de Diana Toucedo...

A força do arquivo está no

ponto de mira do futuro. Atualmente, estam a se perfilar novas fórmulas narrativas amparando-se nas possibilidades da linguagem da rede baseadas na falta de linearidade e numha maior interatividade com o espectador. Mas até que estas propostas se fagam quotidianas, há fórmulas conscientes das suas limitaçõs que possuem umha maior incidência na comunidade. Projetos como *La memoria de Lavapiés*, ou o *Territorio-archivo* no Condado-Curueño nos Montes de León, *Proxecto Socheo* na Guarda ou *Proxecto Buserana* en Muxía, tenhem objetivos parecidos: a recuperaçom de património dum território, com a ajuda da tecnologia e mediante a implicaçom das suas gentes.

Tanto imagens fotográficas como audiovisuais convergem nestes vértices para fazer um milhadoiro de sinais de identidade. Cada contribuiçom tem razom de ser posta ao carom das outras. Para isso, por cima de tudo, tem que existir umha necessidade de consciencializaçom e de colocaçom em valor desse material "deslocado". Também tem que existir umha metodologia de trabalho clara e efetiva que volte a interpretar cientificamente (e com garantias) estas mostras de coagulaçom do passado. E todo este processo culmina com a cristalizaçom de resultados na exposiçom numha galeria ou museu, na realizaçom dum documental, na construçom dumha web ou no seguimento do processo através das redes sociais.